

24. Eu vi a morte por várias vezes aqui em casa

Diogo Maciel

Sou Diogo, da etnia Galibi-Marworno, servidor da FUNAI (Fundação Nacional do Índio). Eu vou contar um pouco sobre a minha história com relação a pandemia. Eu contraí o vírus no dia 17 de maio, praticamente, eu fiz os testes e deu positivo. Eu fiquei muito preocupado, na verdade, de contaminar à minha família, porque eu tenho minha esposa, Cássia, e os meus dois filhinhos, todos são asmáticos. Então minha preocupação era com eles.

Eu fiquei muito preocupado, por sinal, com essa situação, só que foi o contrário. A cada dia agravava mais a minha situação. Eu fiquei muito mal, muito mal mesmo, e eu pensei que já era hora de partir e morrer, porque essa doença é muito difícil, não é possível as pessoas virem te visitar, aquela coisa toda...

Eu tenho uma irmã que trabalha no hospital, graças a Deus, e a todo momento ela estava comigo, me dando força e tudo mais, e passou todos os medicamentos que os médicos receitaram, eu também conversava com os médicos e tomei todos os remédios, mas não passava! Cada vez agravava mais! Eu fiquei com falta de ar, peguei uma pneumonia logo em seguida e foi agravando, fui parar no hospital, minha família muito preocupada, os meus filhos também. E a Cássia também contraiu o vírus, os meus dois filhos contraíram, e isso me preocupou mais ainda.

Eu perdi vários quilos, muita febre, muita tosse, falta de ar, eu estava vendo a hora de morrer, sério mesmo, muito preocupado. As comunidades indígenas ficaram sabendo, as organizações, enfim, todos os meus amigos ficaram sabendo e me mandavam muitas mensagens de incentivo, de coragem... Eu agradeço muito a todas as pessoas que me entenderam nesse momento e me fortaleceram espiritualmente. Mas, graças a Deus, eu me recuperei aos poucos, com muitos antibióticos, muitas vitaminas. Minha irmã que cuidou de mim direto aqui em casa, e não tive mais que ir ao hospital pois estava difícil lá. Tomei muito chá, muitas ervas. Foi muito difícil, foi muito duro. Hoje eu estou com 27 dias me recuperando, ainda sinto um pouco de fraqueza nas pernas, mas é só a recuperação mesmo, graças a Deus. É muita força nesse momento, viu? E a gente está aí lutando.

Eu quero deixar essa mensagem para todo mundo, todos os colegas, todas as pessoas: SE CUIDEM, SE PROTEJAM, porque não é fácil, é bem difícil. Tem pessoas que pegam muito leve e têm outras que pegam com bastante força, e se a pessoa não se cuidar, se não tiver um bom acompanhamento médico, a pessoa morre! Não é fácil não, morre mesmo, entendeu?

Eu vi a morte por várias vezes aqui em casa, mas em nome de Jesus, graças a Deus, a gente se recuperou! Eu e toda a minha família! Agora estamos só nos recuperando, bem por sinal, eu estou muito feliz. E na minha família o vírus não foi muito forte, eu estava muito preocupado com eles, mas, felizmente, foi bem fraquinho e está todo mundo bem, se recuperando bem, e agora só a gente continuar se cuidando. Trocamos toda a alimentação, muita água! Então é isso meus amigos, eu queria deixar esse vídeo para vocês como uma reflexão, sobre o que nós passamos nesses praticamente 30 dias de luta aqui em casa.

A gente viu também vários comentários, vários áudios, de várias pessoas indígenas, e a gente também está contribuindo para as populações indígenas porque, afinal de contas, a gente faz parte dessa sociedade indígena que merece, que a gente está à frente, trabalhando, lutando em defesa dessas questões, dessas causas, que são de muita importância para o nosso povo. Também quero agradecer a todas as pessoas que diretamente ou indiretamente contribuíram, rezando, para a minha saúde. Um abraço a todos, tudo de bom, se cuidem e fiquem em casa se puderem. Um abraço.

Oiapoque, Amapá, Brasil

11 de junho de 2020

Relato recebido em vídeo e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza